



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
PRODUÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA

FERNANDA PINTO DE BRITO BERNARDES

**A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NO CINEMA: A  
REPRESENTATIVIDADE NOS FILMES DA DISNEY**

SALVADOR

2025.2

FERNANDA PINTO DE BRITO BERNARDES

**A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NO CINEMA: A  
REPRESENTATIVIDADE NOS FILMES DA DISNEY**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para avaliação e cumprimento dos requisitos do curso de Comunicação, com habilitação em Produção em Comunicação e Cultura, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia.

Orientador: Prof. Guilherme Maia

Salvador

2025.2

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus pais, que sempre me apoiaram e me tranquilizaram nos momentos de nervosismo e aos meus amigos, que me arrancaram muitas risadas mesmo nos períodos mais tensos. Agradeço também ao professor Guilherme Maia, que foi muito paciente durante todo o processo de orientação, contribuindo muito para a realização desse trabalho.

## **RESUMO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo analisar a influência das discussões e debates feitos na plataforma X na produção de filmes da Disney. A pesquisa busca compreender como a interação entre o público online e a indústria cinematográfica molda narrativas e estratégias comerciais da empresa, além de investigar o tipo de representatividade promovida por esse fenômeno. Também explora a incorporação das demandas digitais para potencializar a criação e a comercialização dos filmes, contribuindo para o campo da comunicação e o entendimento das relações entre cultura digital e produção cultural.

Palavras-chave: Representação; indústria cinematográfica; cibercultura; disney

## SUMÁRIO

<b>2. CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A DISNEY E PLATAFORMA X.....</b>	<b>8</b>
3. IDENTIDADE E REPRESENTATIVIDADE.....	19
4. REDES SOCIAIS E PLATAFORMA X.....	25
5. METODOLOGIA DE ANÁLISE DOS TWEETS.....	34
5.1 Abordagem de Pesquisa e Desenho Metodológico.....	34
5.2 Estratégia de Coleta de Dados.....	34
5.3 Definição da Amostra.....	34
5.4 Procedimento de Registro.....	34
5.5 Análise de Dados.....	35
5.6 Limitações Metodológicas.....	35
6. ANÁLISE DOS TWEETS.....	36
7. Considerações finais.....	43

## 1. INTRODUÇÃO

As redes sociais se tornaram um ambiente de debate e discussão sobre diversos tópicos, um dos mais relevantes atualmente sendo a representação de minorias dentro da cultura pop, mais especificamente da indústria cinematográfica. Grandes empresas da indústria do cinema tem uma forte influência na construção do imaginário coletivo, principalmente quando se trata de um público majoritariamente infantil, como é o caso da Disney. Refletindo sobre isso, é possível notar o quanto relevante é analisar as representações presentes nas produções audiovisuais e entender como elas contribuem para a formação de significados sociais e identitários.

Segundo Stuart Hall (2016), a representação é a responsável não somente por exibir algo, mas também por atribuir significados a diferentes símbolos, de modo que as pessoas que dividem semelhanças culturais possam compreender esses significados.

Examina não apenas como a linguagem e a representação produzem sentido, mas como o conhecimento elaborado por determinado discurso se relaciona com o poder, regula condutas, inventa ou constrói identidades e subjetividades e define o modo pelo qual certos objetos são representados, concebidos, experimentados e analisados. (HALL, 2016, p. 27).

Dessa forma, é possível perceber que representações presentes na cultura pop não são neutras, pois influenciam diretamente na construção da identidade de grupos minoritários e em como esses grupos são percebidos socialmente. Quando se discute representatividade dentro da cultura pop, especificamente dentro da indústria cinematográfica, não se trata somente da inclusão de grupos marginalizados, mas de que forma essa inclusão ocorre e que efeito direto ela tem no imaginário coletivo, ainda que inconscientemente.

A Disney, uma das empresas mais influentes do cinema, desempenha um papel importante na formação simbólica, especialmente para crianças em fase de desenvolvimento. Como analisado por Gooding-Williams (1995, p. 373): “não é exagero supor que a Disney desempenha um papel importante na formação política das crianças americanas”. Portanto, a maneira que a empresa inclui minorias em suas produções audiovisuais muitas vezes afeta diretamente em questões identitárias de indivíduos e de grupos, como diz Hall (1997), e nem sempre esse impacto que a Disney possui no imaginário coletivo foi positivo.

A empresa produziu obras racistas, homofóbicas e misóginas ao longo dos anos, frequentemente colocando personagens ligados ao mundo LGBTQIAPN+ como vilões, como é o caso de Úrsula em A Pequena Sereia (1989), inspirada em uma Drag Queen, além de

utilizar estereótipos desumanizantes sobre minorias raciais, como na representação dos indígenas na animação Peter Pan (1953). Entretanto, recentemente a Disney vem tentando mudar isso, com produções como o live-action de A Pequena Sereia (2023), que contou com uma protagonista negra, e o novo live-action de Branca de Neve (2025), em que a atriz principal, Rachel Zegler, mencionou em uma entrevista publicada pela Variety em 2022, que muitos pontos problemáticos do roteiro original foram adaptados para a época atual.

Essa mudança, ainda que muito importante, não vem somente de uma possível transformação cultural interna da Disney, mas também de cobranças do próprio público da empresa feitas, principalmente, por meio das redes sociais. Como afirma Patricia Gonçalves da Conceição Rossini (2014), as plataformas online viraram um local de troca de informações, debates e discussões políticas e sociais e um lugar que dá voz a “reivindicações e lutas por reconhecimento que, sem esses meios, teriam dificuldade para atingir os debates da esfera pública” (ROSSINI, 2014, p.304).

Uma das várias reivindicações feitas pelas plataformas digitais é a maior representatividade de grupos minoritários, como minorias étnicas e raciais e a comunidade LGBTQIAPN+ dentro de séries, filmes, livros e outros meios midiáticos, o que é importante para que esses grupos se sintam vistos e para que ocorra a criação de significados no imaginário do público desses meios culturais. Portanto, existe muita movimentação dentro de diversas redes sociais, especialmente a plataforma X, antigo Twitter, sobre esse tópico e ele é discutido através de vários debates com visões diferentes.

O esquema econômico atual, que faz com que as empresas visem principalmente o lucro, por sua vez, tem grande influência na indústria cinematográfica, manifestando-se atualmente em um fenômeno no qual grandes empresas utilizam assuntos sociais frequentemente debatidos e em destaque nas redes sociais para lucrar, incorporando essas discussões em seus produtos. Como a representatividade de minorias raciais, minorias étnicas e da comunidade LGBTQIAPN+ na mídia é um tema recorrente nas conversas nas redes sociais, esse fenômeno também ocorre com frequência em produções audiovisuais, resultando em acertos, mas, às vezes, gerando uma representatividade percebida como inadequada por parte do público.

Logo, esta pesquisa será focada em desvendar as relações existentes entre os debates que ocorrem nas redes sociais e as grandes produções audiovisuais que estão sendo feitas atualmente, com a finalidade de descobrir como as discussões feitas na Internet influenciam a indústria do cinema e quais representações são o resultado desse fenômeno. E para fazer isso, será realizada a análise dos filmes lançados a partir de 2020 pela Disney, uma das maiores

empresas da indústria cinematográfica. Como plataforma para esta investigação, o Twitter será utilizado como parâmetro, dada sua natureza de intensa troca política. Mais especificamente, o foco da análise serão as páginas e discussões relacionadas à Disney nesta rede social.

## 2. CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A DISNEY E PLATAFORMA X

A Disney é reconhecida como a maior empresa de mídia e entretenimento voltada principalmente para o público infantil no mundo. A Disney foi fundada em 1923 pelos irmãos Walt e Roy Disney, a companhia surgiu em um contexto histórico marcado pelo crescimento econômico e, simultaneamente, por profundas desigualdades sociais e segregação racial. No início, segundo o próprio site da empresa, D23, a Disney teve sucesso com a produção da série de filmes *Alice Comedies*, e evoluiu posteriormente para a criação de animações infantis, o que consolidou sua influência no mercado de mídias infantis, ao utilizar técnicas inovadoras para produzir seus primeiros longas metragem.

Os Estúdios Disney estavam sempre inovando e experimentando novas técnicas de vanguarda, como a câmera multiplano (multiplane câmera), que contribuiu para a realização do maior desafio que os Estúdios Disney haviam enfrentado até então: a realização do filme *Branca de Neve e os Sete Anões*, o primeiro longa metragem em desenho animado da história do cinema (BARICHELLO; COIRO MORAES, 2015, p. 13).

Algo importante de se notar é que, a partir de 1934, a indústria de Hollywood impôs o Código Hays em suas obras. O código se tratava de um conjunto de regras destinadas a censurar as produções audiovisuais hollywoodianas. Nele, um filme não poderia conter “nudez, insinuação de perversões sexuais, miscigenação, estupro, uso de drogas, consumação de casamento, homem e mulher juntos na cama e outras” (ESTEVEES, 2020/2021, p. 13), com o intuito de tornar o conteúdo livre e apropriado para todos os públicos. Conforme diz o Michigan Daily (2023), a Disney foi uma das empresas que adotaram esse código de censura em suas animações, não incluindo personagens que não fossem brancos em suas histórias, a menos que servissem a fins humorísticos e caricaturais, e além disso, não representava personagens LGBTQIAPN+ em seus desenhos. Esse código permaneceu em vigor até 1968 e, durante esses anos, a Disney produziu diversos filmes que se tornaram clássicos como *Branca de Neve e os Sete Anões*, *Pinóquio*, *Dumbo*, *Bambi* entre outros e que refletem os valores da época em que foram feitos.

Em 2020, a Disney lançou oficialmente sua plataforma de filmes e séries, o Disney+. Além de estreiar diversas produções inéditas e atuais, o serviço também reuniu um vasto acervo de filmes clássicos do estúdio, obras que marcaram gerações e consolidaram o legado da companhia. Embora essas produções atuais conversassem com os ideais de hoje em dia, as produções antigas refletiam comportamentos e preconceitos que eram normalizados no passado. Isso aparentemente gerou preocupação dentro da empresa sobre como esses conteúdos seriam percebidos por quem os assistisse atualmente, o que fez com que a empresa colocasse um aviso em filmes que tivessem teor preconceituoso, antes da reprodução.

Este programa inclui representações negativas e/ou maus-tratos de pessoas ou culturas. Estes estereótipos eram incorretos na época e continuam sendo incorretos hoje em dia. Em vez de remover esse conteúdo, queremos reconhecer seu impacto prejudicial, aprender com ele e estimular discussões para criar um futuro mais inclusivo juntos. (DISNEY+, 2020)

Esse aviso não podia ser pulado e estava presente em alguns filmes clássicos bem conhecidos, como *Dumbo*, *Peter Pan* e *Os Aristogatas*, porque refletiam visões preconceituosas que eram normalizadas na época. *Dumbo* (1941), por exemplo, é um filme que, superficialmente, se trata de aceitação, ao retratar a triste história do personagem principal, Dumbo, um elefante que sofria por ter orelhas muito grandes, mas que, ao longo do filme, passa a aceitar e ver qualidades em suas orelhas. Mas, olhando de forma mais atenta, segundo análise publicada no *The Bristorian* (2025) animação reproduz estereótipos racistas com os corvos, que tinham um sotaque caricato e exagerado da população negra do Sul dos Estados Unidos, e, mais especificamente, com um corvo chamado "Jim Crow". Nome com referência direta ao ator Thomas D. Rice, nascido em 1808, que interpretava um personagem nomeado "Jim Crow" em seus espetáculos, onde ele fazia blackface e piadas racistas sobre pessoas negras escravizadas. Depois disso, em sua homenagem, foram feitas leis de segregação racial nos Estados Unidos, tituladas de "leis Jim Crow", o que torna a escolha do nome do personagem da Disney ainda mais absurda.

“É esse encontro com os corvos o exemplo mais famoso de estereótipos racistas em *Dumbo*. O pássaro principal se chama Jim Crow, em referência a um personagem de um espetáculo de menestréis racistas da década de 1830, que mais tarde passou a representar a segregação dos negros nos Estados Unidos” (THE BRISTORIAN, 2025, s.p.).

FIGURA 1- Os corvos no filme Dumbo (1941)



Fonte: ST. OLAF COLLEGE (2015).

Além dos corvos, que eram uma forma extremamente racista e desumanizante de retratar pessoas negras, a segunda e última vez que esse grupo é referenciado no longa ocorre durante a música, nomeada em português como “Canção dos Operários”, interpretação discutida em *The Bristorian* (2025). O número musical é estrelado por personagens negros que não possuem rosto nem individualidade, e a letra da música em português foi adaptada de forma mais leve, mas sua versão original inclui versos como: “Nos nunca aprendemos como ler ou escrever / Nos somos trabalhadores braçais de coração alegre<sup>1</sup>” (DISNEY, 1941, 00:47:32). Nessa cena, mais uma vez, em tom de brincadeira e como caricatura, pessoas negras são retratadas como passivas e ignorantes.

---

<sup>1</sup> “We never learned to read or write / We're happy-hearted roustabouts”

Figura 2- Figura 2 – Cena dos “Roustabouts” em *Dumbo* (1941).



Fonte: FILM MUSIC CENTRAL.

Além da forma vil e racista com que a Disney representou pessoas negras em *Dumbo*, a *BBC* (2020) também discute as visões desumanizantes sobre outros grupos étnicos presentes em diferentes animações, como no longa *Peter Pan* (1953), em que os povos indígenas que vivem na ‘Terra do Nunca’ são retratados de maneira extremamente estereotipada e caricatural. O filme não diferencia nem respeita elementos culturais específicos de cada povo, utilizando esses personagens apenas para fins humorísticos, além de representar a personagem Princesa Tigrinha, que nunca chega a falar, de forma sexualizada e objetificada.

Já na animação *Os Aristogatas* (1970), a *BBC* (2020) fala sobre uma sequência no longa que contém uma cena xenofóbica e racista com um personagem asiático. A sequência mostra um gato siamês chamado ‘Shun Gon’, que toca piano segurando hashis e tem um forte sotaque estereotipado. Essa representação reforça estereótipos da Ásia Oriental, reduzindo-a para uma caricatura para fins humorísticos.

Figura 3- Gato siamês de Aristogatas (1970).



Fonte: ROLLING STONE BRASIL

Além de apresentar vieses racistas nas animações, a Disney também tinha o costume de “caracterizar seus vilões com estereótipos atribuídos majoritariamente à comunidade LGBTQIAPN+, prática conhecida como queer coding, se valendo de uma ‘representatividade’ velada e negativa” (GIOVANELLI, 2021, p. 13). Então, além de não colocar personagens abertamente LGBTQIAPN+ em suas animações, a empresa escrevia personagens que tinham características ou ligações diretas com a comunidade queer como os vilões de suas obras, o que acrescentava uma conotação negativa à comunidade queer.

Um dos casos mais expressivos disso está no filme *A Pequena Sereia* (1989). O longa conta a história de Ariel, uma sereia fascinada por humanos e que tinha vontade de conhecer o mundo fora do mar, mas era controlada por seu pai, o rei Tritão, que não a deixava sair do oceano. O enredo se desenvolve quando a vilã da trama, Úrsula, realiza o desejo de Ariel de desenvolver pernas e poder explorar o mundo dos humanos, mas pede, em troca, a voz da protagonista.

Figura 4- Úrsula, a vilã do filme A Pequena Sereia (1989)



Fonte: DISNEY BRASIL.

A Revista *TIME* (2023) informa que a polêmica do filme vem do fato de que a personagem Úrsula foi inspirada na drag queen Divine, algo que foi confirmado pelo próprio animador do longa, Rob Minkoff, e pela equipe do filme. Sua maquiagem, seus traços e suas sobrancelhas arqueadas tiveram inspiração na atriz, que era conhecida por seus papéis no cinema e no teatro. Dessa forma, a Disney ligava diretamente a comunidade queer a uma personagem vilanesca. “A Disney tem seguido uma linha semelhante ao codificar seus vilões como queer: a empresa tem sido amplamente criticada tanto por não torná-los abertamente LGBTQIAPN+ quanto por associar uma conotação maligna a ser queer” (tradução livre de *TIME*, 2023).

Figura 5- Divine (Harris Glenn Milstead), drag queen e musa do cineasta John Waters.



Fonte: FESTIVAL DO RIO.

O caso de Úrsula não foi único. A Disney utilizou o *queer coding* em diversos personagens vilanescos, como também é o caso de Scar, de *O Rei Leão* (1994), que conta a história de Simba, um jovem leão, filho do rei da floresta, Mufasa, e que acaba sofrendo um ataque do tio, Scar, que deseja o trono para si. Mufasa é um personagem musculoso, com voz grossa e mais interpretado como um personagem masculino, já Scar é um personagem magro, de voz mais fina e lido como um personagem mais feminino. Além dessa problemática, Mufasa e seu filho Simba são leões com pelos dourados, algo que remete muito a pessoas brancas, já o vilão Scar apresenta pêlos mais escuros e juba preta, o que acrescenta uma camada racial a narrativa e mostra como a Disney usava de estereótipos de gênero e raça para transformar o que era diferente em algo visto como perigoso e alimentar sentimentos negativos no imaginário coletivo.

Figura 6- Cena dos personagens Mufasa e Scar no filme \*O Rei Leão (1994)



Fonte: OMELETE.

Esse padrão se repetiu ao longo do século XX, e vários filmes da Disney apresentaram os antagonistas da trama como personagens ligados ao estereótipo de ser queer, como Jafar, do filme *Aladdin* (1992), que também apresenta voz suave, dramaticidade e trejeitos mais ligados ao estereótipo feminino, e o Capitão Gancho, de *Peter Pan* (1953), que possui esses mesmos traços.

Além das polêmicas relacionadas a questões raciais e ao queer coding, a empresa também alimentou muitos preconceitos relacionados ao gênero, reproduzindo pensamentos e comportamentos misóginos e machistas em suas obras. No longa *Branca de Neve* (1937), a protagonista é retratada de forma submissa, tendo como maior qualidade sua beleza e protagonizando uma sequência em que sua principal contribuição para ajudar os anões é limpar a casa e cozinhar para eles; sua maior conquista é o beijo do príncipe no final do filme.

Algo semelhante ocorre em *Cinderela* (1950), a protagonista passa todo o filme fazendo trabalho doméstico, sendo submissa à sua madrasta, e sua recompensa por todo esse sofrimento é o amor do príncipe. Já em *A Bela Adormecida* (1959), a princesa Aurora não tem voz em sua própria história, ela passa a maior parte do filme dormindo e, no fim, é acordada com o beijo de um príncipe. Todas essas histórias têm mulheres como protagonistas, mas elas são retratadas de maneira passiva, sem desenvolvimento de personalidade ou de

interesses próprios, e tendo como fechamento de arco, representando a maior vitória dessas personagens, o casamento e a afeição de um homem.

Da mesma forma, é possível ver nas animações da Disney um padrão na aparência das princesas, que são quase sempre magras, brancas, traços europeus e jovens e na aparência das vilãs da história, que estão conectadas a velhice, ao corpo gordo e traços não europeus.

Figura 7– Cena de Ariel e Úrsula no filme \*A Pequena Sereia (1989)



Fonte: RECREIO.

Todas essas questões têm um impacto direto na formação da identidade, da autoestima e do imaginário das crianças que consumiram essas animações. Se elas crescem assistindo algo que reforça a todo momento que uma pessoa “boa” segue determinados padrões estéticos e que tudo que não se encaixa nesses padrões é algo ruim, ela pode internalizar isso.

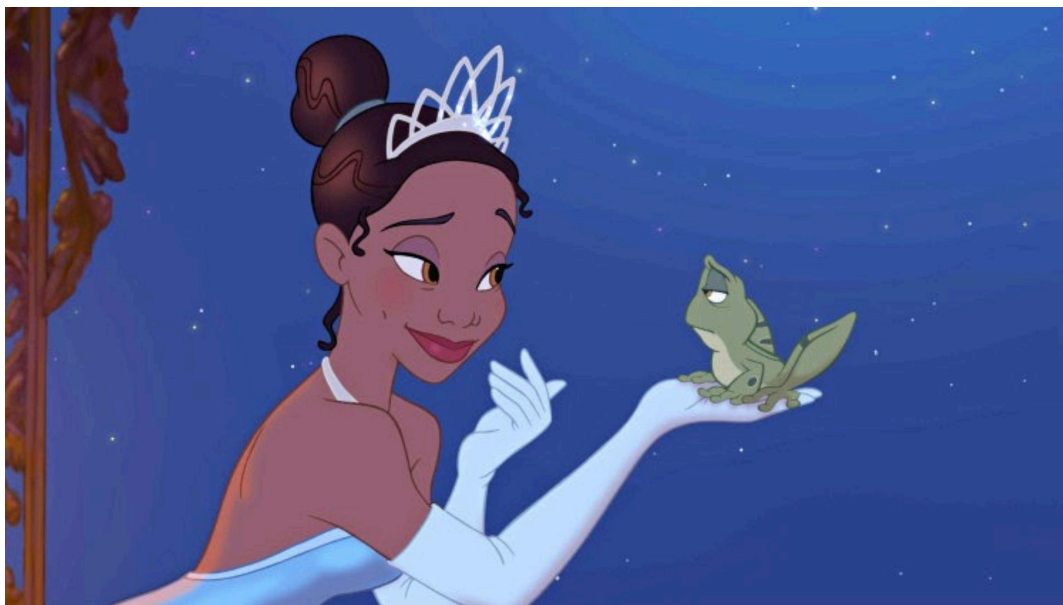
Ao internalizar as experiências fornecidas pela cultura, a criança reconstrói individualmente os modos de ação realizados externamente e aprende a organizar os próximos processos mentais. O indivíduo deixa, portanto, de se basear em signos externos e começa a se apoiar em recursos internalizados (imagens, representações mentais, conceitos etc. (REGO, 2001, p. 62).

Já no início do século XXI, nos anos 2000, a Disney começou a incluir mais desenvolvimento em suas personagens femininas e a dar protagonismo para princesas mais diversas, um dos exemplos sendo Tiana, de A Princesa e o Sapo (2009). Na animação, a

história se passa em Nova Orleans e gira em torno de Tiana, uma jovem negra comum que luta diariamente em seus empregos para juntar dinheiro e realizar seu sonho de abrir um restaurante. Quando seus planos dão errado, ela acaba encontrando o príncipe Naveen, que havia sido transformado em sapo, e o beija para tentar desfazer a maldição que colocaram nele, em troca de receber o dinheiro necessário para abrir seu restaurante.

A protagonista Tiana apresenta uma evolução dentro dos moldes da Disney, pois ela tem um sonho e objetivos que vão além de um homem, além de ser a primeira princesa negra da empresa. Mesmo assim, ainda é possível elaborar críticas ao filme, já que em grande parte da história a protagonista permanece transformada em sapo, o que acaba dificultando que crianças negras se vejam representadas na personagem. Outro ponto é que, embora Tiana tenha objetivos, sonhos e desenvolvimento, seu aprendizado final ainda é ligado ao casamento e à formação de uma família, e não apenas à realização de seus próprios sonhos. Mesmo assim, essa foi uma das primeiras tentativas da Disney de se adaptar a uma nova era e aos valores que a nova geração apresenta.

Figura 8– Cena de Tiana e Naveen no filme \*A princesa e o Sapo (2009)



Fonte: ROLLING STONE BRASIL.

Já no final dos anos 2010 e com a crescente das redes sociais, a empresa se adaptou às discussões existentes nessa década e começou a fazer ações para se redimir pelos erros passados da companhia. A inclusão do aviso foi uma das formas que a Disney encontrou para se redimir do impacto negativo que ela desempenhou ao ofender povos minoritários e na

formação simbólica de muitas crianças, ao difundir essas visões racistas.

Além dessa mensagem na plataforma Disney+, a companhia também realizou outras ações para corrigir comportamentos inadequados do passado. Segundo uma matéria de 2019 do UOL, a Disney deletou a cena dos corvos do filme *Dumbo* (1941) ao disponibilizar o filme no site e também descartou o filme *A Canção do Sul* (1946) de seu catálogo, por incluir vários estereótipos racistas. Além disso, a empresa também criou o site 'Stories Matter', lançado junto com a plataforma Disney+, com o objetivo de “não apagar o passado, mas aprender com os erros e construir um futuro mais inclusivo” (DISNEY, 2020). No site, a empresa explica e se responsabiliza pelos motivos pelos quais alguns filmes recebem o aviso de comportamentos inadequados, além de apresentar as iniciativas que a Disney realiza com o intuito de promover diversidade e inclusão. No site, há várias abas para explorar as campanhas e ações que a empresa implementa para que isso aconteça.

Essas diversas ações realizadas pela Disney vêm em grande parte da mudança de época e das exigências que grande parte do público atual tem em não perpetuar visões que hoje em dia percebemos como problemáticas. Muitas dessas exigências e cobranças feitas pelo público da empresa vêm com o surgimento das redes sociais, que deram mais espaço para discussão e para que determinados comportamentos realizados por empresas fossem amplamente criticados, gerando assim um impacto negativo para a imagem dessas empresas.

### 3. IDENTIDADE E REPRESENTATIVIDADE

Segundo Axel Honneth (2003), a construção da identidade de uma pessoa é influenciada pelas interações com outras pessoas e pelas experiências acumuladas ao longo do processo de formação do indivíduo.

Com a ampliação do comportamento reativo social até os nexos normativos da ação, o "Me" se transforma de uma auto-imagem cognitiva numa auto-imagem prática: ao se colocar na perspectiva normativa de seu parceiro de interação, o outro sujeito assume suas referências axiológicas morais, aplicando-as na relação prática consigo mesmo. (HONNETH, 2003, p. 133).

Dessa forma, durante a infância, quando ocorre a maior parte do desenvolvimento de uma pessoa, muito da formação da identidade dela, da autoestima, das opiniões e do imaginário de uma criança vem dos estímulos e experiências externas que ela vivencia. Esses estímulos podem vir tanto de interações com outras pessoas, conversas com outras crianças e o convívio com os pais, quanto pelo tipo de mídia que ela consome durante esses anos formativos.

Um dos maiores exemplos do poder do consumo da mídia na formação de crianças está no fato que programas de TV, livros, filmes e jogos, voltados para o público infantil, tem um grande poder pedagógico. Na Recima 21, Guimarães, Garattini e Silva et al. (2024, p. 4), falaram sobre como “a relevância da TV nas aulas reforça o desenvolvimento crítico dos alunos quando utilizada de forma adequada à faixa etária das crianças e promove o estímulo, o engajamento e a motivação na aprendizagem”.

Se, atualmente, o consumo de mídia pode ser usado como forma de reforçar a educação de crianças e se ela tem o poder ajudar no aprendizado, isso mostra o tamanho impacto que a mídia tem na que a mídia tem na formação cognitiva e social das crianças durante seus anos mais decisivos, principalmente na época em que estamos.

O sentido é produzido em uma variedade de mídias; especialmente, nos dias de hoje, na moderna mídia de massa, nos sistemas de comunicação global, de tecnologia complexa, que fazem sentidos circularem entre diferentes culturas numa velocidade e escala até então desconhecidas na história (como aborda Du Gay, 1997). O sentido também é criado sempre que nos expressamos por meio de "objetos culturais", os consumimos, deles fazemos uso ou nos apropriamos; isto é, quando nós os integramos de diferentes maneiras nas práticas e rituais cotidianos e, assim, investimos tais objetos de valor e significado. (HALL, 2016, p. 22).

Logo, o tipo de conteúdo que uma criança consome durante a infância pode ter um impacto em sua construção de identidade. Quando grupos minoritários são retratados de forma negativa em filmes, livros, séries e outros tipos de mídia, principalmente as destinadas para o público infantil, isso afeta significativamente a autoestima de uma criança que pertence a aquele grupo, além de influenciar o pensamento coletivo de maneira geral, como diz Hall (2016).

Da mesma forma, mídias, principalmente voltadas para o público infantil, tem o poder de funcionar como uma “luta política de direitos” (CARVALHO, 2018). Quando um produto cultural inclui e representa grupos minoritários de forma positiva e complexa, isso reflete e impacta no imaginário de crianças e pode gerar um efeito positivo no desenvolvimento de uma identidade saudável a membros desses grupos e aumentar a empatia e a redução do preconceito nas outras crianças.

A literatura infantil perpassa as políticas educacionais e constitui-se também como luta política de direitos. Assim, editoras passaram, com maior frequência, a publicar temas e títulos “polêmicos”, tais como sexualidade, conflito de classes e diferenças raciais, buscando romper com o silenciamento, a partir de elementos formadores e emancipatórios, capazes de formar e instruir crianças, a partir de objetivos pedagógicos (CARVALHO, 2018, p. 4).

### **3.1 Representatividade**

Stuart Hall (2016) diz que a representação está diretamente conectada à ideia de identidade, sem que ela exista, uma pessoa não conseguiria saber e aceitar, ou negar, nenhuma das noções preconcebidas do que significa ser de algum país, por exemplo. O autor diz que o ato de representar produz o significado de algo e coloca o objeto no mundo do ‘pensável’, logo, quando algo não é representado, isso funciona como uma negação da existência.

Quando a Disney passou grande parte do século 20 sem escrever protagonistas não brancos em suas animações, ou a apenas incluí-los com fins humorísticos, ela estava apagando, propositalmente ou não, a vida e identidade de crianças, jovens e adultos que consumiam aqueles filmes, reforçando a mensagem de que a experiência e a vida dessas criança não eram importantes e que não pertenciam, ou mereciam pertencer, a essas histórias.

Representação, aqui, está intimamente ligada a identidade e conhecimento. Pois, na realidade, é difícil saber o que 'ser inglês' — ou mesmo francês, alemão, sul-africano, japonês — significa fora do escopo em que nossos conceitos e imagens de identidade e cultura nacionais foram representados. Sem esses sistemas de 'significação', seríamos incapazes de adotar tais identidades (ou mesmo de rejeitá-las) e conseqüentemente incapazes de fomentar ou manter essa realidade existencial que chamamos de cultura. (HALL, 2016, p. 14).

Um exemplo disso é Barreiros (2011) afirmar que iniciar crianças na literatura afro-brasileira pode renovar valores e contribuir para que a sociedade brasileira desenvolva mais respeito à diversidade. Essa observação evidencia o poder que a representação positiva possui e como ela se reflete nos valores de uma criança. Esse tipo de representação tem um efeito ainda maior, com mais impacto, quando vem de grandes produções feitas por franquias famosas, como é o caso das animações da Disney. Uma pesquisa realizada em 2016 pela Universidade Brigham Young, nos Estados Unidos, com crianças entre 3 e 4 anos, afirmou que 96% das meninas e 87% dos meninos entrevistados consomem ou já consumiram algum filme da Disney, mostrando o tamanho do impacto que a empresa tem no público infantil (COYNE et al., 2016).

Desse modo, filmes como *Moana*, que conta a história de uma princesa indígena do povo maori, e *A Princesa e o Sapo*, com a primeira protagonista negra da Disney, lançados a partir de 2009 e com protagonistas não brancas, podem influenciar diretamente a formação de uma geração menos preconceituosa, já que alcançam um grande número de crianças, uma vez que “o cinema é um meio de expressão que interfere na maneira como o homem se vê, na forma como este concebe a si mesmo e a realidade que o cerca” (SOUSA, 2005, p. 19).

Por outro lado, não basta somente incluir personagens de grupos minoritários em produtos culturais, a forma e a maneira que esses grupos são representados na mídia também influencia diretamente o imaginário social. A Disney incluiu alguns grupos étnicos em suas obras no século 20, mas com o intuito de ironizar e satirizar esses grupos, como é possível observar no desenho *Dumbo*, por exemplo. Esse tipo de inclusão têm mais impactos negativos do que positivos no imaginário popular. Outro exemplo mais recente e ligado ao Brasil é o remake da novela *Vale Tudo* (2025), que teve duas protagonistas negras, Raquel, interpretada por Taís Araújo e Maria de Fátima, interpretada por Bella Campos. A crítica geral a novela era sobre a forma que a roteirista Manuela Dias construía o arco da personagem Raquel, colocando a personagem num papel de servidão e sofrimento contínuo e não reproduzindo o arco original que era a ascensão social contínua da personagem, algo que, segundo a CNN

Brasil (2025), afetou a própria atriz que lamentou em entrevistas o quão seria bom ver uma personagem negra ascendendo socialmente e ocupando esse lugar na televisão brasileira.

Durante muito tempo, personagens que não são brancos foram retratados de maneira estereotipada, caricata, usados de forma satírica ou ocupando só os papéis destinados a personagens secundários, o que acaba reforçando narrativas que diminuem a complexidade e a humanidade desses grupos. Além disso, representações distorcidas constroem percepções sociais de forma sutil, mas contínua, afetando e influenciando tanto as crianças que pertencem a esses grupos quanto aquelas que não pertencem. Assim, a mídia não apenas reproduz desigualdades já existentes, mas também contribui para quando reforça imagens negativas ou limitantes.

Por exemplo, a visão racista perpetuada pelo personagem “Jim Crow” de *Dumbo* provavelmente teve um impacto direto na percepção de crianças negras sobre si mesmas, além de poder ter enraizado o racismo no imaginário das demais crianças. Outro ponto a ser discutido é como alguns vilões das animações da Disney eram 'queer coded', ou seja, apresentavam estereótipos de pessoas da comunidade LGBTQIAPN+. Esse tipo de representação colocou pessoas da comunidade no papel de vilões para crianças o que, na época, pode ter instigado um sentimento negativo ao olhar para a comunidade queer.

“A Disney parecia querer andar na corda bamba entre apaziguar os fãs queer — muitos dos quais há muito se veem refletidos em seus personagens — e não alienar aqueles que se opõem aos direitos gays. Ela seguiu uma linha semelhante com sua prática de codificação queer de vilões: a Disney foi duramente criticada tanto por não torná-los abertamente quanto por atribuir uma conotação maligna a ser queer.”  
(TIME, 2023)

A Disney, atualmente, vem produzindo remakes dos filmes clássicos da empresa, e neles tenta corrigir abordagens do passado e incluir intencionalmente personagens de diferentes grupos étnicos, como é o caso do live-action de *A Pequena Sereia*, que contou com uma Ariel negra. Além disso, a empresa tem investido em histórias originais que valorizam explicitamente diferentes culturas, como *Lilo & Stitch* (ambientado no Havaí), *Viva – A Vida é uma Festa (Coco)* (que explora a cultura mexicana) e *Encanto* (ambientado na Colômbia), implementando a cultura e as experiências desses países no desenvolvimento da narrativa e dos personagens.

Figura 9- Fotos de Viva – A Vida é uma Festa (2017), Encanto (2021) e Lilo & Stitch (2002).



Fonte: UOL, Amazonas Atual, HESSEL.

Uma crítica frequente feita por usuários das redes sociais é que Hollywood se prende bastante a fazer remakes e, assim, incluir representatividade, no lugar de fazer novas produções e colocar protagonistas mulheres, não brancas, e personagens LGBTQIAPN+ como foco desde o início. Alguns acham que tentar incluir a diversidade agora em filmes clássicos parece um “prêmio de consolação”.

A partir de todos os exemplos já citados, fica claro que a representatividade na mídia não se limita somente à presença de personagens não brancos ou pertencentes a grupos minoritários, mas também envolve principalmente a forma que esses personagens são abordados, a complexidade e a profundidade deles. A Disney passou por um processo complexo e muitas vezes contraditório de tentar incorporar essas mudanças, mudando entre alguns avanços importantes, como a primeira princesa negra, Tiana, e repetições de estereótipos que já deveriam ter sido superados. Embora a empresa tenha tentado corrigir parte dessas questões com novas produções e remakes que valorizam diferentes culturas e identidades, as críticas feitas tanto por internautas nas redes sociais quanto em análises

culturais, demonstram que ainda existe uma certa distância entre a intenção de inclusão e de representatividade e a forma que esses personagens são abordados e construídos.

Isso demonstra como a representatividade funciona como uma ferramenta poderosa na formação do imaginário social, especialmente durante a infância, quando personagens e histórias têm impacto direto na construção da identidade. Ao mesmo tempo, também evidencia que representações negativas ou distorcidas carregam consequências profundas, tanto para as crianças que pertencem a esses grupos quanto para aquelas que não pertencem, reforçando visões limitadas ou preconceituosas sobre o outro.

A discussão sobre identidade e representatividade é essencial para entender não apenas as mudanças dentro da Disney, mas também o papel da mídia na manutenção ou desconstrução de desigualdades históricas. E, mais do que isso, revela como o público contemporâneo está cada vez mais atento e crítico às maneiras pelas quais personagens e narrativas são apresentados, pressionando e tensionando a indústria cultural a repensar seus discursos e suas escolhas.

#### 4. REDES SOCIAIS E PLATAFORMA X

Segundo o autor Sergio Amadeu da Silveira (2010), o ciberativismo, termo que descreve o ativismo nas redes sociais, é tão forte que seu início pode ser até mesmo entrelaçado ao início da própria internet, pois a criação das redes sociais encheu seus usuários com um sentimento de fortalecimento pela sensação de conseguir contribuir com discussões e fazer parte de decisões políticas, o que é discutido por Patrícia Rossini (2024). “O ciberativismo se confunde com a própria expansão da rede mundial de computadores. Ele influenciou decisivamente grande parte da dinâmica e das definições sobre os principais protocolos de comunicação utilizados na conformação da Internet.” (SILVEIRA, 2010, p. 4).

Desse modo, conseguimos enxergar o tamanho do impacto que a internet tem no ativismo e durante discussões políticas, ainda que possam existir críticas a esse tipo de engajamento social, popularmente conhecido como "ativismo sofá", que, por ser muito focado nas redes sociais, algumas vezes não se estende ao mundo offline e pode não gerar mudanças significativas. Entretanto, mesmo assim, ela continua sendo um local que gera discussões, mobilizando uma grande quantidade de pessoas em torno de causas sociais e políticas, além de cobranças que podem afetar a imagem de figuras públicas, políticos e empresas. Por isso, empresas como a Disney tentam corrigir determinados comportamentos para não se tornarem alvos de críticas negativas nas redes sociais.

Uma das plataformas mais utilizadas atualmente para o engajamento dessas discussões é a rede social X, antigo Twitter, que ultimamente também virou tema de discussão no próprio site. O Twitter foi criado em 2006 e seu principal idealizador foi Jack Dorsey, com o objetivo de ser um tipo de blog para a troca rápida de informações. As principais polêmicas discutidas sobre essa rede social vieram da sua recente venda ao empresário Elon Musk, venda essa que, segundo o G1, foi conturbada e durou vários meses. Ao ter o domínio sobre a plataforma, o empresário mudou o nome da rede social para X e implementou algumas diretrizes, permitindo que os usuários propaguem discurso de ódio, tweets racistas, xenofóbicos, misóginos e fake news sem nenhum tipo de punição. Essa mudança recebeu muitas críticas dos próprios usuários da rede e dos governos que permitem que a plataforma circule dentro do país, como o Brasil, que entrou em um embate recente com Elon Musk, pelo X não cumprir as leis brasileiras, informa o G1.

Embora a rede social tenha criado uma sensação de poder nos usuários, essa forma rápida de troca é polêmica, pois, segundo Byung-Chul Han (2021), a velocidade com que as informações são propagadas e vistas por usuários online é uma das principais causadoras da circulação de Fake News. A rede social acabou virando um espaço muito importante para o ciberativismo e demais discussões políticas. “Na era das mídias digitais, a esfera pública discursiva não é ameaçada por formatos de entretenimento das mídias de massa, não pelo infoentretenimento, mas sobretudo pela propagação e proliferação viral de informação, a saber, pela infodemia” (HAN, 2022, p. 24).

Outro resultado da rápida troca e propagação de informações dentro das redes sociais é a cultura do cancelamento, termo esse que se refere “a prática de boicote às empresas, celebridades e bens culturais motivados por atos considerados inaceitáveis.” (ORLANDINI; CASSIANO, 2021, p. 2). Esse fenômeno também ocorre frequentemente na plataforma X, onde diversos usuários se unem em prol de algum acontecimento lido por eles como injusto ou errado e fazem críticas severas, ataques e, muitas vezes, até ameaças à pessoa pública ou à empresa que eles consideram errada. Tudo acontece de maneira muito rápida e o frenesi das mídias sociais faz com que as críticas aumentem rapidamente e se tornem, muitas vezes, linchamentos virtuais.

Um dos casos mais emblemáticos de cancelamento no Brasil foi o da artista Karol Conká, que participou do reality show BBB em 2021 e, durante sua saída, foi duramente criticada por suas atitudes dentro do programa e foi alvo de vários discursos violentos, que foram ainda mais agravados por ela ser uma mulher negra e “que o racismo e o machismo estavam intrínsecos em muitos comentários odiosos destilados.” (ALVES, 2022, p. 55).

Esse caso demonstra claramente a linha tênue entre discussões interessantes que ocorrem na internet, com a intenção de questionar a hegemonia e reivindicar direitos para grupos marginalizados, e como esses mesmos discursos podem se desviar e acabar reproduzindo preconceitos. Desse modo, discussões críticas podem se distorcer devido a rápida troca de informações, ao anonimato das redes sociais e muitas vezes se tornando tão violenta ao ponto de impedir que outras opiniões possam ser compartilhadas pois “indivíduos que percebem que suas opiniões estão em minoria tendem a se calar, enquanto as opiniões majoritárias se tornam ainda mais visíveis” (NOELLE-NEUMANN, 1993, p. 45). Tudo isso complexifica ainda mais a dinâmica dentro das redes sociais, principalmente dentro do aplicativo X.

Dentro da realidade das redes sociais, a Disney e outras pessoas e empresas acabam se moldando a esse universo, algumas vezes se adaptando às críticas que recebem nas plataformas com a finalidade de não perderem clientes e não serem prejudicadas financeiramente. Um dos exemplos mais recentes disso vem da própria Disney, que, conforme o G1 (2025) noticiou, censurou o comediante Jimmy Kimmel após críticas que ele fez sobre Trump e sobre Charlie Kirk, influenciador estadunidense de extrema-direita que foi baleado em setembro de 2025. Após as críticas de Jimmy Kimmel, a empresa suspendeu o programa do apresentador, “Jimmy Kimmel Live!”, por tempo indeterminado. A internet reagiu de forma instantânea a essa clara demonstração de censura e, segundo o The Guardian (2025), internautas iniciaram um boicote à Disney em forma de protesto. Além disso, cerca de 400 artistas fizeram um abaixo-assinado com o propósito de se mostrar contra a censura a Jimmy Kimmel e pedir a volta do programa (ESTADÃO, 2025).

O boicote e o protesto feito pelos internautas e artistas teve um efeito quase instantâneo: depois de uma semana, a Disney voltou atrás na escolha de suspender o programa do comediante e fez o seguinte pronunciamento: “Passamos os últimos dias tendo conversas ponderadas com Jimmy e, após essas conversas, chegamos à decisão de retornar com o programa na terça-feira” (BBC NEWS, 2025, tradução livre). Isso mostra os efeitos da mobilização e das críticas feitas nas redes sociais sobre grandes empresas.

Outro exemplo da força da pressão existente nas redes sociais, e de como elas podem mudar decisões internas de empresas, ocorreu em 2018, quando, segundo a UOL (2018), a Starbucks se envolveu em uma polêmica após uma filial na Filadélfia, Estados Unidos, ter mandado prender e humilhar dois homens negros por eles não terem consumido nada da loja. O caso repercutiu rapidamente e a marca fechou todas as suas filiais a fim de promover palestras antirracistas para seus funcionários.

Diante dos casos citados, fica claro que a força das redes sociais transformou o público em alguém capaz de influenciar decisões dentro de empresas e narrativas institucionais, embora não aconteça com tanta frequência, só quando a repercussão negativa pode, de fato, prejudicar a empresa em algum âmbito. Esse fenômeno também levanta questões sobre a genuinidade das ações dessas empresas, já que muitas vezes grandes corporações apresentam apenas mudanças externas e superficiais, a fim de agradar o público e evitar críticas dos internautas, mas não realizam nenhuma mudança nem ações internas para a real melhora na estrutura da empresa.

Na indústria cultural, essas relações e trocas entre o consumidor e o produto é bastante discutida nos Estudos Culturais, onde autores como Stuart Hall (2003) argumentam que a ideia de que o público absorve passivamente tudo o que consome é ingênua, pois a relação entre mídia e audiência é muito mais complexa. As pessoas interpretam os conteúdos de maneiras diversas, desenvolvendo visões próprias e, muitas vezes, críticas. Desse modo, não é apenas a indústria cultural que influencia seus consumidores: os próprios consumidores também influenciam e ressignificam os produtos culturais.

Aqui, então, apesar de várias diferenças importantes, está o esboço de uma linha significativa de pensamento dos Estudos Culturais, aquilo que se poderia chamar de seu paradigma dominante. Ele se opõe ao papel residual de mero reflexo que tradicionalmente se atribuía ao cultural. Em suas diversas formulações, entende a cultura como entrelaçada a todas as práticas sociais e essas práticas, por sua vez, como uma forma comum de atividade humana: como práxis sensorial humana, como a atividade através da qual homens e mulheres fazem a história. (HALL, 2003, p. 141).

Isso pode ser observado ao olhar para a Disney, que sofreu críticas ao longo dos anos pelos filmes misóginos, racistas e LGBTfóbicos que produziu, principalmente no século XX. Após ser criticada, a empresa tomou ações para se moldar aos tempos atuais. Uma delas foi, como já citado, pedir desculpas pelos erros do passado com o site “Stories Matter” e colocar um aviso no início dos filmes que apresentam cenas preconceituosas. Além disso, a empresa também passou a produzir live-actions e remakes de suas obras passadas com a intenção de, claro, lucrar, mas também atualizar as narrativas dos filmes e dos personagens para discursos mais atuais sobre diversidade e representatividade.

Dessa forma, animações que antes só constavam com protagonistas brancos, foram refeitas no formato live-action com atrizes e atores não brancos. Um dos maiores exemplos disso foi o remake de *A Pequena Sereia* (2023), que contou com a atriz negra Halle Bailey interpretando a Ariel.

Figura 10 – Imagem promocional de A Pequena Sereia (2023)

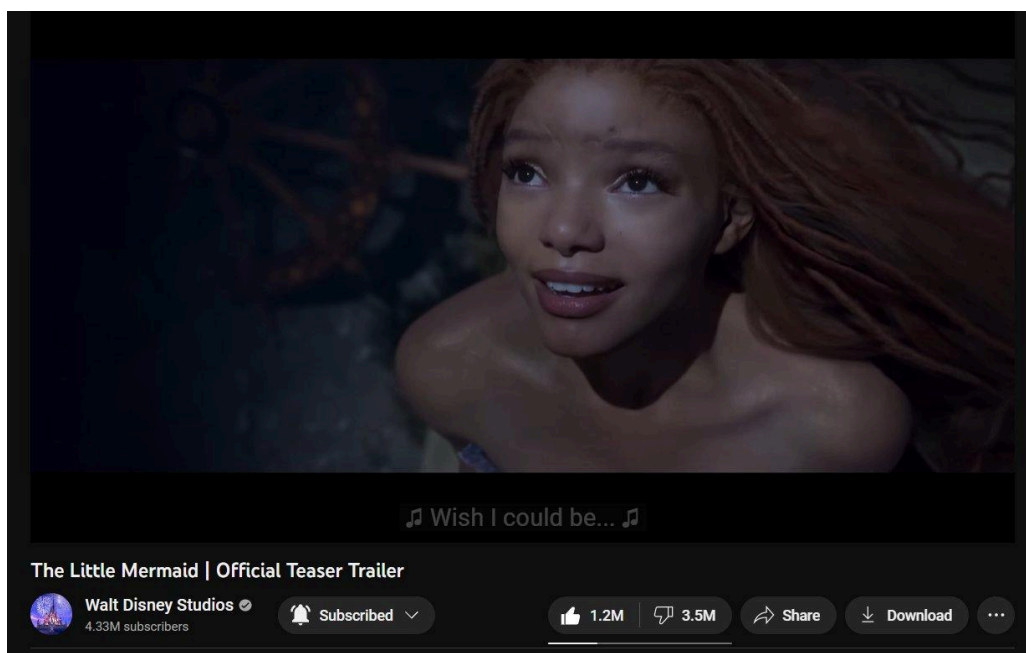


Fonte: Plano Crítico.

A presença de uma protagonista negra em um filme da Disney pode ter exercido um impacto significativo sobre diversas crianças negras que, ao assistirem à obra, puderam finalmente se reconhecer na personagem. Esse tipo de identificação constitui um avanço importante no campo da representatividade, sobretudo porque, diferentemente do caso de *A Princesa e o Sapo*, em que Tiana passa grande parte da narrativa transformada em sapo, a nova versão de Ariel permanece ao longo de todo o filme como uma mulher negra.

Apesar disso, segundo o *The Guardian* (2023), a produção enfrentou uma intensa repercussão negativa nas redes sociais em razão da mudança racial da personagem, e a atriz foi alvo de inúmeros ataques racistas. Um indicador desse movimento hostil foi o teaser do filme, que chegou a acumular aproximadamente 3,5 milhões de avaliações negativas.

Figura 11- Teaser de A Pequena Sereia (2023)



Fonte: Print publicado por @bloodlineprint no Twitter em 2023.

Da mesma forma, a atriz Rachel Zegler, neta de imigrantes latinos, foi escalada para interpretar a personagem Branca de Neve e segundo a CNN Brasil (2022), a atriz foi alvo de várias críticas por parte do público por dar vida a personagem por não se enquadrar na visão de branquitude tradicionalmente associada à personagem. Além disso, a atriz também foi criticada pela mídia na época do lançamento do filme por se mostrar a favor da Palestina, algo que gerou repercussão significativa e motivou posicionamentos públicos por parte de veículos de entretenimento, sobretudo da revista *Variety* (2025).

“Após Rachel Zegler subir ao palco no evento de fãs D23 da Disney para apresentar o primeiro trailer oficial de “Snow White”, ela agradeceu efusivamente aos apoiadores em um post no X. Um minuto depois, ela acrescentou um pensamento posterior no mesmo tópico: “e sempre lembre-se, palestina livre”. Muitos dentro do estúdio expressaram choque de que a estrela de “Snow White” misturasse a promoção de seu filme de \$270 milhões com qualquer tipo de declaração política. Um executivo da Disney levantou as preocupações do estúdio com a equipe de Zegler, enquanto o produtor do filme, Marc Platt, voou para Nova York para falar diretamente com ela. Mas Zegler manteve sua posição, e o post permaneceu.” (@Variety, 2025)<sup>2</sup>

<sup>2</sup> “After Rachel Zegler hit the stage at Disney’s D23 fan event to introduce the first official trailer of “Snow White,” she thanked supporters effusively in an X post. One minute later, she added an afterthought in

Por causa disso, críticas começaram a ser feitas sobre a Disney pois a empresa não pareceu oferecer apoio e proteção às duas atrizes diante dos ataques. Esse comportamento levantou questionamentos nas redes sociais, principalmente no X, sobre o compromisso real do estúdio com a diversidade que promove em seus filmes, revelando uma possível distância entre a representatividade presente na tela e as práticas institucionais fora dela.

Figura 12 – Tweet de @jyndjarin criticando a falta de apoio da Disney às atrizes Halle Bailey e Rachel Zegler.



Fonte: @jyndjarin, 2025. Captura da tela pela autora.

Essa falta de cuidado do estúdio ao propor representatividade nos remakes de seus clássicos, sem ao mesmo tempo proteger as atrizes que contrata, suscita debates sobre até que ponto essas reformulações estão de fato comprometidas com transformações estruturais ou se funcionam apenas como uma estratégia de marketing para responder às pressões do público e às críticas nas redes sociais.

Em 2023, surgiram rumores de que a Disney produziria um live action de *Enrolados* e que uma atriz sul-asiática interpretaria Rapunzel. Apenas esses rumores foram suficientes para desencadear uma nova onda de ataques, desta vez direcionados à atriz Maitreyi

---

the same thread: “and always remember, free palestine.” Many inside the studio expressed shock that the “Snow White” star would commingle the promotion of its \$270 million tentpole with any kind of political statement. A Disney executive raised the studio’s concerns with Zegler’s team, while the film’s producer Marc Platt flew to New York to speak directly with her. But Zegler stood her ground, and the post remained. “ (@Variety, 2025)

Ramakrishnan, frequentemente mencionada como possível escolha para o papel. Esse episódio reavivou a lembrança da ausência de suporte do estúdio à intérprete de Ariel diante dos ataques racistas que sofreu, levando muitas pessoas a afirmarem que preferem que a tentativa de representatividade sequer aconteça, caso o resultado seja uma nova onda de racismo e ódio online.

Figura 13 – Tweet de @percyclopsz sobre os rumores da atriz Maitreyi Ramakrishnan ser escalada para interpretar Rapunzel.



Fonte: @percyclopsz, 2023. Captura de tela pela autora.

Outra crítica frequente feita por usuários das redes sociais é que Hollywood se prende bastante a fazer remakes e, assim, incluir representatividade, no lugar de fazer novas produções e colocar protagonistas mulheres, não brancas, e personagens LGBTQIAPN+ como foco desde o início. Alguns acham que tentar incluir a diversidade agora em filmes clássicos parece um “prêmio de consolação”.

Os exemplos citados mostram como a representatividade, quando não é acompanhada por um compromisso institucional real e por ações de proteção às pessoas envolvidas, pode

acabar gerando reações adversas que reforçam o racismo, a xenofobia e a intolerância já presentes na sociedade. Isso evidencia que incluir diversidade na tela não é suficiente: é necessário que os estúdios assumam responsabilidade pelas consequências e sustentem, fora dela, os valores que afirmam promover.

## 5. METODOLOGIA DE ANÁLISE DOS TWEETS

### 5.1 Abordagem de Pesquisa e Desenho Metodológico

A pesquisa utilizará uma abordagem de etnografia digital, que consiste na observação das interações e discursos produzidos pelos usuários do X (antigo Twitter) a respeito da representatividade nos filmes da Disney. Esse método permite compreender como as pessoas debatem, reagem e constroem significados coletivos sobre o tema dentro de um ambiente digital dinâmico. Logo, também terá uma análise qualitativa do conteúdo, focada em discutir e interpretar os debates mais frequentes, as emoções e tensões acerca dos filmes da Disney.

### 5.2 Estratégia de Coleta de Dados

O método de coleta foi manual, através de uma amostragem intencional, devido às restrições de acesso aos dados da plataforma X.

### 5.3 Definição da Amostra

A coleta de dados foi feita a partir de três critérios: Tweets virais e com alto engajamento que causaram várias interações e debates que foram postados entre 2020 e 2025 e que representam os temas mais debatidos e influentes.

Os critérios para inclusão na pesquisa foram:

**Relevância Temática:** Tweets contendo termos-chave e frases-chave como "**Disney representatividade**", "**Disney diversidade**" ou nomes de filmes controversos, como o live-action de A Pequena Sereia e Branca de Neve.

**Alto Engajamento:** A seleção manual dos tweets classificados como "**Principais**" na busca do X, garantindo que apenas as opiniões mais curtidas, comentadas e repostadas e com mais interações fossem analisadas.

**Representatividade Temporal:** Seleção intencional de tweets que demonstram os debates e opiniões mais difundidos, para que o sentimento mais intenso de cada ano sobre o tema no período 2020–2025 fosse capturado.

### 5.4 Procedimento de Registro

A coleta consistiu no registro visual (prints de tela) e no registro do texto integral dos tweets mais relevantes.

### **5.5 Análise de Dados**

No lugar de fazer uma análise quantitativa, vou fazer uma interpretação e análise qualitativa dos textos e prints coletados. A análise foi feita a partir da identificação dos argumentos, discussões e debates principais levantados pelo público (ex: defesa da diversidade vs. críticas à fidelidade).

### **5.6 Limitações Metodológicas**

Reconhece-se que esta metodologia de amostragem intencional não representa o volume total da conversa na plataforma X. Os resultados são voltados para o sentimento e discussão mais viralizada, refletindo a natureza do debate público de alto impacto e não a distribuição estatística do sentimento geral da audiência.

## 6. ANÁLISE DOS TWEETS

Para compreender como as novas ações da Disney para trazer representatividade e inclusão nas produções da empresa estão sendo recebidas pelo público, principalmente o público presente nas redes sociais, vou analisar tweets feitos na plataforma X entre o período de 2020 até 2025. Esses comentários foram coletados a partir de palavras-chave e frases como “Disney representatividade”, “Branca de Neve”, “Pequena Sereia Halle”, “Disney diversity” e foram selecionados pela relevância na discussão e pela quantidade de interações que o post teve. Os filmes escolhidos como foco dos tweets foram selecionados porque geraram debates nas redes sociais sobre representatividade, escolhas de elenco e sobre a própria Disney enquanto empresa.

Com o processo de escolha e coleta dos tweets, identifiquei alguns padrões de assuntos que estavam sendo abordados e discutidos nessas temáticas, além das disputas simbólicas que se formam quando o público comenta essas produções. Essa pequena seleção de tweets funciona como um indicador dos tipos de tensões que existem entre as produções feitas pela Disney e o público que as recebe, consome e interpreta.

### 6.1 Disney representatividade

A primeira frase escolhida para análise foi “Disney representatividade”, e reúne os tweets com mais interações feitos nos últimos 5 anos sobre o tópico para ter uma noção de que tipo de discussões estão acontecendo sobre essa temática. A maioria dos tweets cita ou são sobre os live-actions *A Pequena Sereia*, lançado em 2023, e *Branca de Neve*, lançado em 2025. Ambos os longas foram tópico de debates por conterem uma protagonista negra, Halle Bailey, e uma protagonista descendente de imigrantes latinos, Rachel Zegler.

acho meio triste quando vejo q a disney conseguiu colocar no imaginário popular q é dever moral assistir as coisas deles para conseguir mais coisas boas e originais e combater as pessoas q reclamam de representatividade em mídia quando na vdd a disney monopoliza tanto **o mercado**

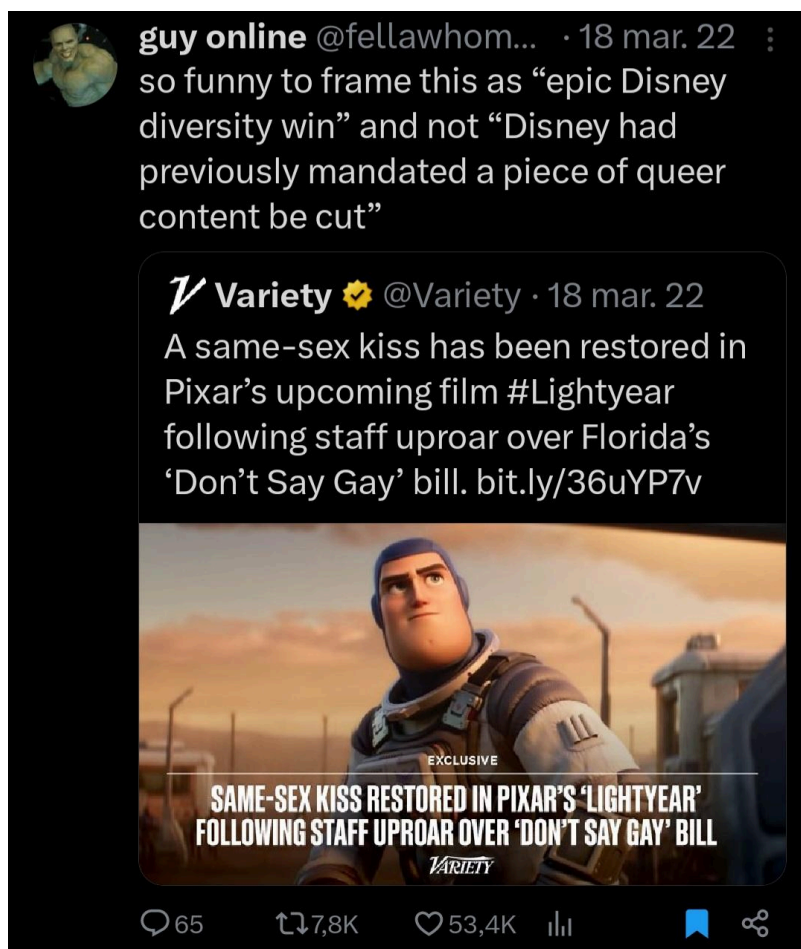
**“audiovisual** e já fechou tantos estúdios menores q ela mesma é perpetuadora da falta de historias originais hoje em dia. porra, empresa multimilionária, eu tenho que ver filme deles como caridade? (@dyonisian\_, 2023)

Uma das críticas mais frequentes que encontrei durante a etnografia digital foi a de que a empresa usa a representatividade e a inclusão de minorias em suas produções para gerar discussões dentro das redes sociais, aumentando a visibilidade do filme e provocando nas pessoas a sensação de que elas precisam defender o lançamento on-line e apoiar a produção nas salas de cinema, aumentando assim o engajamento e, conseqüentemente, o alcance comercial da obra. Esse debate aconteceu durante o lançamento de *A Pequena Sereia* (2023), quando a atriz Halle Bailey foi alvo de vários ataques racistas que levaram o teaser do filme a receber mais de 3 milhões de dislikes no YouTube. A postura da Disney diante desses ataques foi severamente criticada, já que eles não pareceram oferecer apoio e suporte à atriz, criando assim uma desconexão entre a mensagem de diversidade que a empresa queria oferecer e as atitudes internas da mesma.

“Eu tenho uma teoria de que a disney ta fazendo varios filmes ruins com "representatividade" pra depois nunca mais fazer com a desculpa de que o público não tem interesse” (@nelsinhooff, 2023)

Essa desconexão que parte do público sente perante a tentativa de inclusão e diversidade que a Disney vem tentando colocar em suas obras provoca não só estranhamento, mas também o sentimento de que a empresa tem motivos maiores do que apenas a inclusão de diversidade e o lucro. Outra discussão frequente e viral é que a produtora faz “filmes ruins” com protagonistas que fazem parte de grupos minoritários com o intuito de que as pessoas critiquem e não assistam o filme, a fim de que eles possam justificar a falta de interesse do público no futuro, quando eles pararem de produzir obras inclusivas. Essa desconfiança pode vir do passado da empresa, com a produção de diversas obras racistas, xenofóbicas, misóginas e queerfóbicas, além da atual falta de cuidado da empresa com suas atrizes.

Figura 14- Tweet feito pelo usuário @fellowhomstdve sobre a diversidade nos filmes da Disney.



Fonte: @fellowhomstdve, 2022. Captura de tela feita pela autora.

A Disney lançou o filme *Lightyear* em 2022, e havia rumores de que a empresa tinha censurado um beijo gay da animação, mas posteriormente o colocou de volta na narrativa. A crítica do usuário parte da ideia de que esse fato não deveria ser motivo de comemoração nem de elogio à diversidade que a empresa afirma promover, já que o conteúdo foi censurado anteriormente. Isso mostra novamente como a diferença entre a tentativa de promoção de inclusão da empresa e a forma que a mesma se porta internamente é conflitante e que parte do público não enxerga essas ações como comprometimento real, mas como uma estratégia de marketing.

“é tão bom ver mulheres negras se enxergando na Tiana e se fantasiando da personagem, a Disney PRECISA fazer mais princesas negras, quanto mais representatividade melhor” (@nickyforwalt, 2024)

Por outro lado, existem pessoas que, mesmo com todas as discussões e debates sobre as intenções da empresa, acreditam que a representatividade nos filmes da Disney, onde várias meninas e mulheres negras conseguem se ver e se reconhecer em personagens como Tiana, de

A Princesa e o Sapo, e Ariel, prevalece sobre as más intenções que a empresa pode ter, já que o impacto positivo dessas figuras na formação e autoestima dessas crianças é visto como mais importante do que as estratégias por trás das produções.

## 6.2 Pequena Sereia

A segunda frase escolhida foi “Pequena Sereia” em referência ao live-action *A Pequena Sereia*, que foi lançado em 2023. Essas palavras foram escolhidas porque geraram um grande debate nas redes sociais pela atriz que foi escalada para viver o papel de Ariel, Halle Bailey. A atriz negra sofreu diversos ataques racistas por fazer o papel da sereia, e o filme foi amplamente discutido, com muitas críticas negativas ao escalamento da atriz, recebendo até um grande número de dislikes em seu teaser. Por conseguinte, muitas pessoas vieram em defesa da atriz, do filme e até da própria empresa, causando uma série de discussões e tensões acerca do longa.

“esse caso da pequena sereia me lembra muito quando lançou o filme da princesa e o sapo eu sempre lia contos sobre a princesa e o sapo e via curtas, e era sempre uma mina branca e loira, quando teve a animação da disney, a protagonista era negra e eu nao vi NINGUEM RECLAMAR”

“eu era bem nova mas eu tinha acesso a internet, e eu juro, que eu nao vi NENHUMA reclamação sobre isso esse negocio de reclamar pq os filmes estão "lacradores" ou "woke" é um movimento novo baseado em racismo” (@belyarts, 2023)

Uma observação recorrente é que esses ataques racistas a atrizes e atores que pertencem a grupos minoritários e que são escalados para viver o papel de personagens que anteriormente eram brancos são algo relativamente recente, já que situações semelhantes já ocorreram antes, como a citada no tweet, e não houve ataques no nível que acontecem atualmente. Isso pode ser efeito da polarização política, claro, mas, além disso, está relacionado com o crescimento expansivo das redes sociais, a velocidade com que as notícias circulam, sem tempo para que as pessoas processem informações de maneira completa e que faz com que os usuários reajam de forma impulsiva e intensa nas redes sociais, além do modo como os algoritmos amplificam conteúdos extremistas, reforçando reações negativas e dando visibilidade desproporcional a comentários racistas.

“Os live actions da Disney se SUSTENTAM em polêmica, é puro marketing O mais nojento pra mim foi Pequena Sereia. Por mais que seja SIM uma vitória, a Disney

estava CAGANDO pra atriz, CAGANDO. E digo mais, quando vieram os racistas e nerdolas atacarem o filme, a gnt se via ate+”  
 “Numa obrigação moral de defender o filme e dar bilheteria pra não ser considerado um fracasso pq a atriz é uma mulher preta. A Disney usou uma pauta importante pra ganhar dinheiro” (@Quecael\_, 2023)

Esse tweet demonstra o quão frequente é o sentimento por parte do público de que a Disney se apoia nas polêmicas para potencializar o alcance de seus filmes. O comentário diz que, apesar de a representatividade ser importante e várias meninas e mulheres negras poderem se ver na Ariel, a empresa não demonstrou um cuidado real com a atriz, principalmente diante dos ataques racistas. Essa percepção gera, em algumas pessoas, a sensação de que existe quase uma obrigação moral de defender o filme e garantir sua bilheteria para que ele não seja rotulado como um fracasso. Assim, o tweet aponta para a ideia de que a Disney estaria se apropriando de pautas sociais legítimas como estratégia comercial, produzindo um tipo de representatividade que, para esses espectadores, parece mais movida pelo lucro do que por compromisso efetivo com a inclusão.

### 6.3 Branca de Neve

No live-action de Branca de Neve (2025), as reações do público foram ainda mais complexas. A atriz escalada para viver a protagonista foi Rachel Zegler, atriz neta de imigrantes vindos da América Latina, o que, nos Estados Unidos, faz com que parte do público não a reconheça como branca dentro do padrão clássico associado à personagem, mas que, em países latinos, é lida apenas como estadunidense e branca. A atriz foi bastante atacada e alvo de xenofobia dentro dos Estados Unidos, com muitos ataques direcionados também à sua aparência física e, dentro do Brasil e de alguns outros países latinos, a escalação também não foi bem recebida, porque foi anunciada como uma “Branca de Neve latina”, algo que gerou incômodo porque grande parte do público latino não se identificava com ela nem com a forma como a mídia internacional tentava enquadrar sua identidade. Logo, no exterior ela sofreu ataques xenofóbicos e, em países latinos, a tentativa de representatividade que a Disney trouxe foi pouco convincente. Novamente, a empresa não fez nenhum movimento externo para proteger a atriz desses ataques.

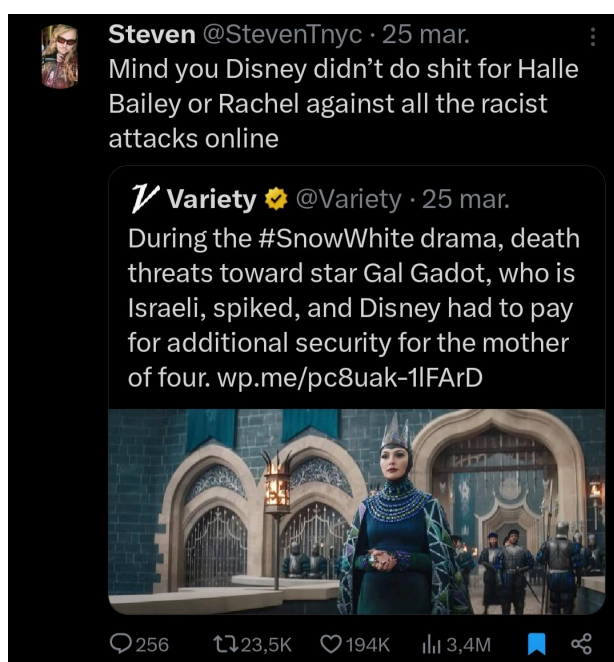
“fico mal de pensar que eu e os nerdolas partilhamos da mesma opinião sobre a rachel zagler como branca de neve, mas toda pressão psicológica que essa latina da shopee sofrer é pouco” (@evanpifers, 2023)

Além desse debate, a Disney também anunciou que os anões de Branca de Neve seriam animações e não atores reais, com o objetivo de não ofender ou estereotipar pessoas com nanismo. Essa decisão não foi bem recebida pelo público, que, de um lado, criticou a empresa por ser “woke” e, de outro, considerou a ação superficial, já que, no final, retirou a oportunidade de atores com nanismo atuarem e trabalharem na indústria.

“mas esse filme seria uma ótima oportunidade de conhecermos mais atores com nanismo, poderiam da (sic) uma adaptada no filme pra não fica (sic) muito estereotipado mas sem tirar os anões do filmes” (@melodramers, 2022)

Outra polêmica foi a empresa ter contratado seguranças para a atriz Gal Gadot depois de críticas que ela sofreu por sua escalção em Branca de Neve, um cuidado que nem Rachel Zegler, que sofreu críticas severas nas redes sociais, nem Halle Bailey, que foi alvo de ataques racistas, tiveram. Essa atitude reforça a crítica e o sentimento das pessoas de que a Disney ainda lida de forma inconsistente e hipócrita com questões de representatividade, oferecendo suporte apenas quando lhe convém.

Figura 15- Tweet feito pelo usuário @steventnyc sobre os comportamentos da Disney.



Fonte: @steventnyc, 2025. Captura de tela feita pela autora.

A partir dos tweets analisados, fica claro que as tentativas recentes da Disney de incluir diversidade em suas produções provocam reações intensas e bastante complexas nas redes sociais. Enquanto parte do público enxerga essas escolhas como importantes avanços, outra parte interpreta as ações da empresa como superficiais, inconsistentes ou motivadas

principalmente por interesses comerciais. Os debates envolvendo *A Pequena Sereia* e *Branca de Neve* mostram que a representatividade, apesar de necessária, não é suficiente quando a empresa não demonstra um cuidado real com as atrizes que enfrentam ataques racistas e xenofóbicos.

Essas discussões também evidenciam como as decisões da Disney geram disputas simbólicas sobre identidade, pertencimento e lugar de fala, além de revelarem a insatisfação de muitos usuários diante das contradições entre o discurso de inclusão da empresa e sua prática.

## 7. Considerações finais.

O estudo e a pesquisa desenvolvida durante a escrita deste trabalho buscou entender como as discussões e debates presentes na plataforma X influenciam a recepção e, em alguma medida, a própria formulação das estratégias de representatividade adotadas pela Disney em suas produções recentes. Partindo de um campo teórico que articula estudos da representação, identidade e cultura digital, a pesquisa procurou encontrar e mapear tensões, disputas discursivas e expectativas do público em relação às transformações anunciadas ou promovidas pela empresa. O objetivo não foi confirmar se a Disney “de fato mudou”, mas observar como essas mudanças são percebidas pelo público, contestadas ou celebradas nas redes sociais, que hoje são um espaço privilegiado de circulação pública de afetos, críticas e reivindicações.

A discussão iniciada na Introdução, apoiada em autores como Stuart Hall, Axel Honneth e Gooding-Williams, apontou para o papel central de grandes empresas como a Disney na formação de identidades individuais e coletivas. Assim, foi possível entender que a representação funciona como sistema de produção de sentidos, afetando diretamente o modo como diferentes grupos se percebem e são percebidos socialmente. Ao recuperar práticas racistas, sexistas e homofóbicas presentes nas animações clássicas da empresa, o trabalho mostrou que a Disney desempenhou por décadas um papel ativo na reprodução de desigualdades simbólicas. A virada representacional anunciada a partir dos anos 2000, intensificada diante das mobilizações digitais, precisa, portanto, ser analisada à luz desse passado e das expectativas do público atual.

Depois, a pesquisa examinou o crescimento das redes sociais como espaço de engajamento político e disputa simbólica. A partir das reflexões de Rossini, Silveira e outros autores do campo da cibercultura, foi possível observar que plataformas como o X, antigo Twitter, se consolidaram como arenas de debate público, onde demandas por reconhecimento são expressas de forma rápida, intensa e altamente visível. Nesse contexto, empresas culturais viraram alvos frequentes de críticas e cobranças, e seus produtos audiovisuais passam a ser

julgados não apenas pela qualidade narrativa, mas também pela capacidade de incorporar pautas de diversidade e inclusão.

Diante desse cenário, a metodologia adotada consistiu em uma etnografia digital focalizada nos tweets mais virais sobre representatividade nos filmes da Disney entre 2020 e 2025. A amostra privilegiou conteúdos com alto engajamento, capazes de revelar padrões de debate e sentimentos dominantes. Embora não represente a totalidade das interações sobre o tema, a opção metodológica permitiu captar com clareza os argumentos mais recorrentes e polaridades afetivas que moldam a recepção pública das obras. Entre as limitações, destaca-se justamente a impossibilidade de acessar dados completos da plataforma, bem como o fato de que o engajamento não necessariamente reflete a diversidade de opiniões existentes, mas apenas as mais visibilizadas pelo algoritmo.

A análise dos tweets indicou três grandes movimentos discursivos. O primeiro é o das críticas à representatividade percebida como superficial ou instrumentalizada, na qual usuários argumentam que a Disney se vale das pautas identitárias como estratégia de marketing, sem compromisso institucional consistente. Os exemplos mais citados, como os ataques sofridos por Halle Bailey e Rachel Zegler, reforçam a percepção de que a empresa não oferece apoio suficiente às atrizes, revelando uma contradição entre o discurso progressista das telas e as práticas internas da empresa. O segundo movimento discute o impacto positivo da representatividade, especialmente para crianças negras, indígenas e pertencentes a outras minorias, que encontram nessas narrativas referências identitárias historicamente negadas. O terceiro conjunto de debates envolve a desconfiança do público quanto às intenções corporativas, que oscila entre a celebração de avanços e o ceticismo diante da possibilidade de mudanças estruturais genuínas. Essas tensões mostram que a representatividade não é apenas uma questão estética, mas um campo de disputa política e simbólica amplificado pelas redes sociais. Elas também evidenciam que empresas culturais enfrentam uma pressão crescente para alinhar suas práticas internas ao discurso público que anunciam, caso contrário correm o risco de terem sua imagem questionada ou desacreditada.

A partir da análise realizada, ficou evidente que as redes sociais, especialmente a plataforma X, desempenham um papel central nas discussões sobre representatividade nas produções da Disney. Os debates encontrados ao longo da etnografia digital mostram que a empresa se encontra constantemente em uma tensão entre as demandas do público e os interesses comerciais que orientam suas decisões internas. Embora a Disney tenha avançado

em algumas representações e feito esforços para corrigir erros históricos, grande parte das críticas observadas aponta para uma desconexão entre o discurso de diversidade presente nas telas e as práticas institucionais fora delas, principalmente quando analisamos a ausência de apoio às atrizes que sofreram ataques racistas e xenofóbicos durante campanhas de lançamento.

Ao mesmo tempo, também existem pessoas que reconhecem a importância dessas mudanças, especialmente para crianças e pessoas que finalmente podem se ver refletidas em personagens centrais das narrativas. Esses dois movimentos, o entusiasmo pela identificação e a desconfiança em relação às intenções corporativas, revelam como a representatividade apresentada pela Disney é recebida de forma ambígua e disputada dentro da cultura digital.

A análise dos tweets evidencia que a pressão popular tem, de fato, capacidade de influenciar grandes empresas, mas também reforça que essas empresas podem instrumentalizar pautas sociais como estratégia de marketing, gerando representações que muitas vezes ficam na superficialidade. Assim, o estudo demonstra que a relação entre cultura digital e indústria cinematográfica não é linear: ela é marcada por negociações, conflitos, disputas simbólicas e pela tentativa constante da Disney de equilibrar expectativas sociais, lucro e manutenção de sua imagem pública.

Esta pesquisa reforça que pensar na representatividade hoje implica considerar tanto as obras quanto o ambiente onde elas circulam. Os debates produzidos nas redes sociais não apenas refletem a recepção do público, mas também moldam, direta ou indiretamente, os rumos da indústria cultural. Entender essas dinâmicas é fundamental para analisar como grandes empresas constroem seus discursos e como o público participa ativamente, mesmo que nem sempre de forma organizado, da redefinição das narrativas que chegam às telas.

Em resumo, os resultados deste trabalho sugerem que a representatividade na Disney e, por extensão, na indústria cinematográfica, não pode ser compreendida sem considerar os circuitos afetivos, econômicos e discursivos das redes sociais. A cultura digital ampliou a capacidade de grupos historicamente sub-representados de questionarem, reivindicarem e negociarem sentidos. Isso mudou a posição das empresas diante do público. Ao mesmo tempo, o estudo mostrou que não basta modificar o elenco de um filme ou alterar enredos clássicos: a coerência entre discurso e prática se tornou elemento central na avaliação pública dessas iniciativas.

Como desdobramentos possíveis, pesquisas futuras poderiam expandir o escopo temporal, incluir outras plataformas, como TikTok, YouTube ou Instagram, e comparar a recepção de representações similares em estúdios concorrentes. Outra possibilidade seria aprofundar o estudo dos processos de produção, investigando se as equipes responsáveis pelas obras são também diversas, e não apenas o elenco. Essas linhas de investigação contribuiriam ainda mais para compreender como a representatividade se constitui como demanda social, estratégia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A PEQUENA SEREIA. Direção: Rob Marshall. Produção: Marc Platt, Lin-Manuel Miranda, Rob Marshall, John DeLuca. Walt Disney Pictures, 2023. **Filme**.

A PEQUENA SEREIA. Direção: John Musker, Ron Clements. Produção: Walt Disney Pictures. EUA: Disney, 1989. 1 filme (83 min), son., color.

A PRINCESA E O SAPO. Direção: Ron Clements, John Musker. Produção: Peter Del Vecho. Walt Disney Animation Studios, 2009. **Filme**.

A TV COMO RECURSO MULTIMÍDIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL. RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar - ISSN 2675-6218, [S. l.], v. 5, n. 1, p. e514777, 2024. DOI: 10.47820/recima21.v5i1.4777. Disponível em: <https://recima21.com.br/recima21/article/view/4777>. Acesso em: 14 nov. 2025.

ALVES, Mayra Bragança. “**Já que é pra tombar**”: a crise de imagem da rapper **Karol Conká após o BBB21**. 2022. 175 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/17581/1/MAlves.pdf>. Acesso em: 2 out. 2025.

ARAÚJO, Matheus; GONÇALVES, Pollyanna; BENEVENUTO, Fabrício. **Métodos para Análise de Sentimentos no Twitter**. UFMG, Belo Horizonte, 2013.

BARICHELLO, Bruno; COIRO MORAES, Ana Luiza. **Disney: a empresa que (re)conta histórias**. Revista de Comunicação, Santa Maria, v. 12, n. 2, p. 45-60, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/ccomunicacao/article/download/20469/12798>. Acesso em: 14 out. 2025.

BARREIROS, Ruth Ceccon; VIEIRA, Nancy Rita Ferreira. **Literatura Infantil para uma Formação Leitora Multicultural**. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/5981/4916> Acesso em 14 de jan. de 2024.

BBC NEWS. **Disney decide retomar programa de Jimmy Kimmel após suspensão.** Disponível em: <https://www.bbc.com/news/articles/c701jr01dj2o>. Acesso em: 17 out. 2025.

BBC News. A Disney atualiza o aviso de conteúdo sobre racismo em filmes clássicos. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-54566087>. Acesso em: 30 nov. 2025.

BELYARTS (@belyarts). **esse caso da pequena sereia me lembra muito quando lançou o filme da princesa e o sapo eu sempre lia contos sobre a princesa e o sapo e via curtas, e era sempre uma mina branca e loira, quando teve a animação da disney, a protagonista era negra** [Tweet]. X: @belyarts, 8 maio 2023. Disponível em: <https://x.com/belyarts/status/1655592451443130368>. Acesso em: 30 nov. 2025.

CARVALHO, Thais Regina de; VERÇOSA SILVA, Mariana Cesar. **Representações e literatura infantil: Análises a partir dos desenhos de crianças.** SER Social, Brasília, v. 19, n. 41, p. 355–384, 2018. DOI: 10.26512/ser\_social.v19i41.14944. Disponível em: [https://periodicos.unb.br/index.php/SER\\_Social/article/view/14944](https://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/14944). Acesso em: 15 nov. 2025

CNN BRASIL. Atriz latina, a nova “Branca de Neve” da Disney, fala das críticas por sua escalação. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/atriz-latina-a-nova-branca-de-neve-da-disney-fala-sobre-criticas-por-sua-escalacao/>. Acesso em: 30 nov. 2025.

CNN BRASIL. Relembre críticas de Taís Araújo a Manuela Dias, autora de “Vale Tudo”. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/relembre-criticas-de-tais-araujo-a-manuela-dias-autora-de-vale-tudo/>. Acesso em: 30 nov. 2025.

CHURCHILL, Frank E.; WASHINGTON, Ned. **Song of the Roustabouts** [letra]. Disponível em: <https://www.lyricfind.com>. Acesso em: 5 out. 2025.

CLUB DO FILME. **A Pequena Sereia (2023): crítica.** 2023. Disponível em: <https://clubdofilme.com.br/critica-a-pequena-sereia-2023/>. Acesso em: 13 nov. 2025.

COYNE, Sarah M. et al. **Pretty as a Princess: Longitudinal Effects of Engagement With Disney Princesses on Gender Stereotypes, Body Esteem, and Prosocial Behavior in Children.** *Child Development*, v. 87, n. 6, p. 1909-1925, 2016. DOI: 10.1111/cdev.12569.

**DEUTSCHE WELLE.** *Starbucks dos EUA fecha 8 mil cafeterias nesta terça para treinamento antipreconceito.* UOL Notícias, 29 maio 2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2018/05/29/starbucks-fecha-cafeterias-para-treinamento-antipreconceito.htm>. Acesso em: 30 nov. 2025.

**DISNEY.** *Branca de Neve e os Sete Anões.* Direção de David Hand. Estados Unidos: RKO-Radio Pictures / Walt Disney Productions, 1937. 1 filme, son., color.

**DISNEY.** *Branca de Neve (2025).* Direção de Marc Webb. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 2025. 1 filme (1h49min), son., color

**DISNEY.** *Encanto.* Direção de Jared Bush, Byron Howard e Charise Castro Smith. Estados Unidos: Walt Disney Animation Studios, 2021. 1 filme (102 min), son., color.

**DISNEY.** *Enrolados.* Direção de Nathan Greno e Byron Howard. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 2010. 1 filme (minutos conforme versão), son., color.

**DISNEY.** *Lilo & Stitch.* Direção de Chris Sanders e Dean DeBlois. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 2002. 1 filme (85 min), son., color.

DISNEY. **Stories Matter.** Disponível em: <https://storiesmatter.thewaltdisneycompany.com/>. Acesso em: 12 jan. 2025.

DISNEY. **Disney History.** [S. l.], 2023. Disponível em: <https://d23.com/disney-history/>. Acesso em: 30 nov. 2025.

DISNEY BRASIL. **Os 5 fatos sobre Úrsula, a assustadora vilã de A Pequena Sereia.** Disponível em:

<https://www.disney.com.br/novidades/os-5-fatos-sobre-ursula-a-assustadora-vila-de-a-pequena-sereia>. Acesso em: 9 nov. 2025.

DISNEY+. **Aviso sobre conteúdos culturais.** 2020. Disponível em: <https://www.disneyplus.com>. Acesso em: 21 dez. 2024.

**DONISETI, Marcos.** Crítica | A Pequena Sereia (2023) [imagem]. **Plano Crítico**, 23 maio 2023. Disponível em: <https://www.planocritico.com/critica-a-pequena-sereia-2023/>. Acesso em: 30 nov. 2025

DUMBO. Direção: Ben Sharpsteen. Produção: Walt Disney. Walt Disney Productions, 1941. **Filme.**

DYO (@dyonisian\_). **acho meio triste quando vejo q a disney conseguiu colocar no imaginário popular q é dever moral assistir as coisas deles para conseguir mais coisas boas e originais e combater as pessoas q reclamam de representatividade em mídia quando na vdd a disney monopoliza tanto o mercado** [Tweet]. X: @dyonisian\_, 7 ago. 2023. Disponível em: [https://x.com/dyonisian\\_/status/1688612509291274241](https://x.com/dyonisian_/status/1688612509291274241). Acesso em: 30 nov. 2025.

**ESTADÃO.** Meryl Streep, Tom Hanks e mais 400 famosos assinam carta aberta em apoio a Jimmy Kimmel; veja nomes. **Estadão**, Cultura, 22 set. 2025. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/cultura/televisao/meryl-streep-tom-hanks-e-mais-400-nomes-assinam-carta-aberta-em-apoio-a-jimmy-kimmel-nprec/>. Acesso em: 30 nov. 2025.

ESTEVEES, Ana Carolina. **“QUEER ADVENTURE”:** os desenhos infanto-juvenis e a representação LGBTQIA+ no Ocidente. 2015. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/32007/Ana%20Carolina%20Esteves.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 14 out. 2025.

FILM MUSIC CENTRAL. **Dumbo “Song of the Roustabouts” (1941).** 27 jun. 2018. Disponível em: <https://filmmusiccentral.com/2018/06/27/dumbo-song-of-the-roustabouts-1941/>. Acesso em: 8 out. 2025.

**G1. 5 perguntas para entender embate entre Elon Musk e Alexandre de Moraes.**

G1, 30 ago. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2024/08/30/5-perguntas-para-entender-embate-entre-e-lon-musk-e-alexandre-de-moraes.ghtml>. Acesso em: 14 jan. 2025.

**G1.** Quem é Jimmy Kimmel, apresentador suspenso após fala sobre morte de Charlie Kirk. G1, 18 set. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/tv-e-series/noticia/2025/09/18/quem-e-jimmy-kimmel-apresentador-de-programa-suspenso-apos-fala-sobre-morte-de-charlie-kirk.ghtml>. Acesso em: 30 nov. 2025.

GIOVANELLI, Ana Laura Rodrigues. **“E não subestime a importância da linguagem do corpo”: O uso do queer coding em animações da Disney enquanto ferramenta de manutenção de estereótipos LGBTQIA+.** 2021. [84] Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Públicas) – [UPS], [São Paulo], 2021.

GOODING-WILLIAMS, Robert. Disney in Africa and the Inner City: On Race and Space in The Lion King. **Social Identities**, Londres, v. 1, p. 373-379, 1995.

GUY ONLINE (@fellowhomstdve). **so funny to frame this as “epic Disney diversity win” and not “Disney had previously mandated a piece of queer content be cut”** [Tweet]. X: @fellowhomstdve, 18 mar. 2022. Disponível em: <https://x.com/fellowhomstdve/status/1504941418200109063>. Acesso em: 30 nov. 2025.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação.** Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Tradução de Adelaine La Guardia Resende e Márcia Elisa M. Souza. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia: A digitalização da democracia**. Tradução de Lúcio R. Aguiar. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2021.

**HESSEL, Marcelo**. Crítica | Lilo & Stitch [imagem]. **Plano Crítico**, 28 jun. 2002. Atualizado em: 21 set. 2014. Disponível em: <https://www.planocritico.com/critica-lilo-stitch-2002/>. Acesso em: 30 nov. 2025.

HONNETH, Axel. **Lutas por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Editora 34, 2003.

ISA (@jyndjarin). **it astounds me how disney hires people like halle bailey and rachel zegler to be their disney princesses, but never does anything to actually defend and protect them from hate**. 12 mar. 2025. X: @jyndjarin. Disponível em: <https://x.com/jyndjarin/status/1899914884835402110>. Acesso em: 6 nov. 2025.

MOANA. Direção: Ron Clements, John Musker, Don Hall, Chris Williams. Produção: Osnat Shurer. Walt Disney Animation Studios, 2016. **Filme**.

**MÚSICA de 'Encanto' supera 'Let it Go' e se torna a maior da Disney** [imagem]. Amazonas Atual, 18 jan. 2022. Disponível em: <https://amazonasatual.com.br/musica-de-encanto-supera-let-it-go-e-se-torna-a-maior-da-disney/>. Acesso em: 30 nov. 2025.

NELSON (@nelsinhooff). **Eu tenho uma teoria de que a disney ta fazendo varios filmes ruins com "representatividade" pra depois nunca mais fazer com a desculpa de que o público não tem interesse** [Tweet]. X: @nelsinhooff, 16 dez. 2023. Disponível em: <https://x.com/nelsinhooff/status/1736094983583580340>. Acesso em: 30 nov. 2025.

NEWMAN, Max. Reclaiming queer-coded Disney villains. **The Michigan Daily**. 2023. Disponível em: <https://www.michigandaily.com/arts/b-side/reclaiming-queer-coded-disney-villains/>. Acesso em: 30 nov. 2025.

NICKY, o garoto da disney (@nickyforwalt). **é tão bom ver mulheres negras se enxergando na Tiana e se fantasiando da personagem, a Disney PRECISA fazer mais princesas negras, quanto mais representatividade melhor** [Tweet]. X: @nickyforwalt, 27 out. 2024. Disponível em: <https://x.com/nickyforwalt/status/1850706849755976046>. Acesso em: 30 nov. 2025.

NOAH. @bloodlineprint. Texto do post. X, 07 fev. 2023. Disponível em: <https://x.com/bloodlineprint/status/1635623221176446977>. Acesso em: 30 nov. 2025.

NOELLE-NEUMANN, Elisabeth. **A espiral do silêncio: opinião pública, nosso interesse por ela e a tendência de se silenciar**. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

NOTÍCIAS DA TV (UOL). Viva - A Vida É uma Festa na Tela Quente: Cinco curiosidades sobre o filme da Disney [imagem]. São Paulo, 7 set. 2020. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/filmes-na-tv/viva-vida-e-uma-festa-na-tela-quente-cinc-o-curiosidades-sobre-o-filme-da-disney-41991>. Acesso em: 30 nov. 2025.

OMELETE. **“O Rei Leão | Mufasa e Scar não eram irmãos, revela produtor.”** [imagem]. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/o-rei-leao-mufasa-e-scar-nao-eram-irmaos-revela-produto>. Acesso em: 17 out. 2025.

ORLANDINI, Maiara Garcia; CASSIANO, Fernanda Garcia. **Central do cancelamento: potencialidades e esvaziamentos políticos discursivos da cultura do cancelamento**. Revista Comunicologia, Brasília, v. 14, n. 2, p. 1-20, 2021. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/view/13568/7784>. Acesso em: 1 out. 2025.

OS ARISTOGATAS. Direção: Wolfgang Reitherman. Produção: Winston Hibler, Walt Disney. Walt Disney Productions, 1970. **Filme**.

PERCLYOPSZ (@percyclopsz). **eu acharia lindo isso mas nenhuma outra atriz merece passar pelo o que a halle passou, ainda mais quando a empresa que lucra com todo esse buzz não move um músculo pra defender o artista em que estão expondo a essa**

**onda de racismo.** 28 jun. 2023. Twitter: @percyclopsz. Disponível em: <https://x.com/percyclopsz/status/1687847968777314304>. Acesso em: 6 nov. 2025.

PETER PAN. Direção: Clyde Geronimi, Wilfred Jackson, Hamilton Luske. Produção: Walt Disney. Walt Disney Productions, 1953. **Filme.**

**PIXAR.** *A vida é uma festa* (Coco). Direção de Lee Unkrich e Adrian Molina. Estados Unidos: Disney/Pixar, 2017. 1 filme (105 min), son., color.

**PIXAR.** *Lightyear*. Direção de Angus MacLane. Estados Unidos: Disney/Pixar, 2022. 1 filme (105 min), son., color.

RECREIO. “**A Pequena Sereia: 4 curiosidades sobre Úrsula**”. Disponível em: <https://www.recreio.com.br/noticias/entretenimento/pequena-sereia-4-curiosidades-sobre-ursula.phtml>. Acesso em: 17 out. 2025.

QUECAEL\_ (@Quecael\_). **Os live actions da Disney se SUSTENTAM em polêmica, é puro marketing O mais nojento pra mim foi Pequena Sereia. Por mais que seja SIM uma vitória, a Disney estava CAGANDO pra atriz, CAGANDO. E digo mais, quando vieram os racistas e nerdolas atacarem o filme, a gnt se via ate [Tweet].** X: @Quecael\_, 27 out. 2023. Disponível em: [https://x.com/Quecael\\_/status/1718035282195361807](https://x.com/Quecael_/status/1718035282195361807). Acesso em: 30 nov. 2025.

REGO, T.C. **VYGOTSKY. Uma perspectiva histórico-cultural da educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. [CORREÇÃO: Nome do autor deve ser o sobrenome em CAIXA ALTA: **REGO, T. C.**].

ROLLING STONE BRASIL. “**Tiana: Derivado de A Princesa e o Sapo está em desenvolvimento.**” Disponível em: <https://www.rollingstone.com.br/entretenimento/tiana-derivado-de-a-princesa-e-o-sapo-esta-em-desenvolvimento/>. Acesso em: 17 out. 2025.

ROSA, João. **Processamento de Linguagem Natural e a Ciência da Informação**. Repositório Institucional da UTFPR, 2011. Disponível em: <http://repositorio.utfpr.edu.br>. Acesso em: 7 fev. 2025.

ROSSINI, Patricia. **Das redes para as ruas: mídias sociais como novas “armas” na luta por reconhecimento?** 2014. [CORREÇÃO: É um artigo ou TCC? Faltam dados como nome da revista ou instituição e páginas].

SAM O ANÃO ㉿ ( (@evanpitters). **fico mal de pensar que eu e os nerdolas partilhamos da mesma opinião sobre a rachel zagler como branca de neve, mas toda pressão psicológica que essa latina da shopee sofrer é pouco** [Tweet]. X: @evanpitters, 1 mar. 2023. Disponível em: <https://x.com/evanpitters/status/1631001004488491023>. Acesso em: 30 nov. 2025.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. **Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo**. Revista USP, São Paulo, v.1, 2010, p. 28-39.

SOUSA, Bruno Jorge de. **O cinema na escola: aspectos pedagógicos do texto cinematográfico**. Dissertação de Mestrado, Universidade Católica de Góias. 2005.

STEVEN (@StevenTnyc). **Mind you Disney didn't do shit for Halle Bailey or Rachel against all the racist attacks online** [Tweet]. X: @StevenTnyc, 25 mar. 2022. Disponível em: <https://x.com/StevenTnyc/status/1904600102528049278>. Acesso em: 30 nov. 2025.

ST. OLAF COLLEGE. **Walt Minstry: Dumbo's Jim Crow** [imagem]. Disponível em: <https://pages.stolaf.edu/americanmusic/2015/04/27/walt-minstry-dumbos-jim-crow/>. Acesso em: 13 out. 2025.

SHOARD, Catherine. The Little Mermaid subjected to ‘review bombing’ with mass negative reactions posted by bots. *The Guardian*, 1 jun. 2023. Disponível em: <https://www.theguardian.com/film/2023/jun/01/the-little-mermaid-subjected-to-review-bombing-with-mass-negative-reactions-posted-by-bots>. Acesso em: 10 out. 2025.

THE BRISTORIAN. **The Past Today: Dumbo.** 2025. Disponível em: <https://www.thebristorian.co.uk/the-past-today/dumbo> Acesso em: 13 out. 2025.

THE GUARDIAN. Calls grow to boycott ABC owner Disney over Jimmy Kimmel suspension. **The Guardian**, U.S. News, 18 set. 2025. Disponível em: [https://www.theguardian.com/us-news/2025/sep/18/jimmy-kimmel-cancelled-disney-boycott ]. Acesso em: 30 nov. 2025.

TIME. **The real-life inspiration for Ursula in The Little Mermaid was a drag queen.** 2023. Disponível em: <https://time.com/6282514/little-mermaid-ursula-drag-queen-divine/>. Acesso em: 8 out. 2025.

UOL. **Para o streaming, Disney vai cortar cena de Dumbo acusada de racismo.** UOL Entretenimento, 22 abr. 2019. Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2019/04/22/para-o-streaming-disney-vai-cortar-cena-de-dumbo-acusada-de-racismo.htm>. Acesso em: 20 dez. 2024.

VALE TUDO. Criação de Gilberto Braga, Aguinaldo Silva e Leonor Bassères. Adaptação de Manuela Dias. Direção de Paulo Silvestrini. Rio de Janeiro: TV Globo, 2025. **Obra televisiva.**

VARIETY. **Rachel Zegler on the New 'Snow White' and Why She's Not Afraid of the Internet.** Variety, 29 set. 2023. 1 vídeo (2min39s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2RVg3yefTE4>. Acesso em: 27 nov. 2025.

VARIETY. Inside Disney's 'Snow White' Fiasco: Death Threats, Beefed-Up Security and a Social Media Guru for Rachel Zegler. 2025. Disponível em: <https://variety.com/2025/film/news/snow-white-death-threats-zegler-social-media-guru-1236347433/> . Acesso em: 30 nov. 2025.



**facom**  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UFBA

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
COLEGIADO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO**

Salvador, 16/12/2025

**Ata de defesa pública de Trabalho de Conclusão de Curso**

Nesta data, o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NO CINEMA: A REPRESENTATIVIDADE NOS FILMES DA DISNEY**, de autoria de FERNANDA PINTO DE BRITO BERNARDES, sob orientação de Guilherme Maia de Jesus, foi apresentado em sessão pública e avaliado pela comissão examinadora, composta por Ohana Boy Oliveira e ANA PAULA NUNES DE ABREU.

Com base em escala de notas de 0,0 (zero) a 10,0 (dez), considerando-se a média exigida para aprovação de 5,0 (cinco), de acordo com o Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso do Colegiado de Graduação da Faculdade de Comunicação e com o Regulamento de Ensino de Graduação e Pós-Graduação da Universidade Federal da Bahia, foram atribuídos ao referido TCC as seguintes notas:

Tabela de avaliação	Nota	Assinaturas
Examinador(a) 1	10,0	Ohana Boy Oliveira
Examinador(a) 2	10,0	Ana Paula Nunes de Abreu
Orientador(a)	10,0	Guilherme Maia de Jesus

Média final (valor numérico): 10  
Média final (por extenso): dez